

## INTRODUÇÃO

### *O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica*

*Não sei se alguém já o referiu: a folha de papel tem exactamente o mesmo formato que um campo de futebol.*

KLAUS THEWELEIT, *Golo para o Mundo. O Futebol como Modelo da Realidade*<sup>1</sup>

Cinco importantes elementos e consequências dos processos de globalização — nomeadamente a migração internacional, o fluxo de capital global, a natureza sincretística da tradição e da modernidade na cultura contemporânea, as novas experiências do tempo e do espaço e o desenvolvimento revolucionário das tecnologias da informação — tornam-se particularmente expressivos no estudo do futebol e das realidades que lhe estão associadas.

Treze académicos internacionais colaboram neste número especial da *Análise Social*, que, ao longo de um ano, motivou um inspirador debate entre autores e editores. O presente volume visa uma avaliação profunda do estado actual dos estudos sobre o futebol enquanto importante fenómeno social, económico e cultural em sociedades e contextos nacionais tão diversos como Portugal, Alemanha, Inglaterra, Brasil, Angola, Moçambique, China,

---

<sup>1</sup> Theweleit é um bem conhecido autor alemão (de futebol). O seu livro de 2004, *Tor zur Welt. Fußball als Realitätsmodell (Golo para o Mundo. O Futebol como Modelo da Realidade)*, Colónia, Kiepenheuer & Witsch, é objecto de uma revisão crítica em português de Martin Curi na revista digital *Esporto e Sociedade*, ano 1, n.º 1, Novembro de 2005/Fevereiro de 2006, <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc/>.

Japão, Coreia do Sul, Rússia e EUA. Ao examinar fenómenos relacionados com o futebol nas áreas da nação e da migração, dos mitos e dos negócios, da cidade e do sonho, este volume mostra de que modo o futebol modernizado constitui em si mesmo não apenas um objecto, como também um sujeito/agente dos processos da globalização neoliberal e da globalização alternativa, contra-hegemónica.

Os autores representam um leque alargado de diferentes disciplinas académicas, como a sociologia, a antropologia, a história social, a filosofia, os estudos da migração, os estudos regionais, os estudos de desporto e de cultura popular, apresentando perspectivas e métodos diversos (trabalho de campo etnográfico, ensaio, trabalho de arquivo, estudo de caso, análise dos meios de comunicação e das relações de poder políticas e económicas). Duas razões presidiram à selecção dos países e casos aqui analisados. Os principais critérios decorreram de um interesse de investigação particular a que podemos chamar «lusocêntrico», no sentido estrito em que aborda a posição de Portugal na Europa, bem como a sua relação com outros países lusófonos, e no sentido mais lato em que espelha e ajuda a compreender os fenómenos do interesse pelo futebol (popular e económico), do padrão de migração e da identificação futebolística e social nos vários espaços lusófonos (acerca do último, v. Pina Cabral, 2002).

É a ênfase dada às relações centro-periferia e às trajectórias migratórias dos profissionais do futebol (jogadores e treinadores) que traz a um primeiro plano a perspectiva «lusocêntrica» deste volume. Embora continue (ainda) a desempenhar, sob muitos aspectos, uma espécie de papel central no mundo lusófono, Portugal é (ainda) muitas vezes considerado um país marginal ou semiperiférico nos contextos europeus. Mas, no que toca ao futebol, o caso muda de figura. A elevada posição do «futebol português» (e é interessante notar que, na esfera pública, este termo assumiu um peso equivalente ao de expressões como «economia portuguesa» ou «cinema/teatro/etc. português»), cuja selecção ocupa actualmente o 10.º lugar no *ranking* mundial da FIFA, não serve apenas aos discursos nacionalistas ou como forma de emancipar o país de uma posição marginal, mas faz também de Portugal um exportador de talentos futebolísticos, colocando-o em parte perante as mesmas consequências ambíguas e ambivalentes enfrentadas pelo Brasil e pelos países africanos, que «perdem» os seus melhores talentos em favor do centro europeu — onde os jogadores encontram muito melhores oportunidades de carreira tanto em termos de salário como de desenvolvimento das suas capacidades. Os países anfitriões, uma vez mais, incluem Portugal. Notavelmente ou não, a migração de jogadores de futebol para outros espaços lusófonos e para a Europa espelha fundamentalmente o padrão de migração geral dos migrantes de expressão portuguesa.

A segunda razão que determinou esta escolha prende-se com o desejo de reflectir sobre alguns dos mais importantes desenvolvimentos actuais no futebol mundial e foi também motivada por uma ocasião particular: o facto de o projecto ter sido concebido entre o EURO 2004 e o Campeonato do Mundo da FIFA de 2006 não só levou à inclusão de contributos de/sobre Portugal, Alemanha, o Extremo Oriente (Campeonato do Mundo de 2002 no Japão/Coreia) e os EUA (Campeonato do Mundo de 1994), como proporcionou também um ponto focal sobre as relações entre o centro e a periferia, sendo a Europa o centro futebolístico — historicamente, bem como em termos culturais e económicos —, enquanto o Brasil e os países africanos constituem exportadores de talentos futebolísticos de alta mobilidade e os EUA, a Rússia e os países asiáticos podem ser entendidos como a periferia, mas também como novos mercados e potências económicas que começam a condicionar a migração dos jogadores, tornando-se assim por vezes importantes recém-chegados ao campo.

## MARGINAL OU RECÉM-CHEGADO AO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS? O FUTEBOL ENQUANTO OBJECTO DE ESTUDO

*Com efeito, num jogo de futebol tudo se complica com a presença da equipa adversária.*

JEAN PAUL SARTRE

Dedicado ao futebol, este número temático da *Análise Social* quebra uma tendência geral de indiferença das ciências sociais em Portugal em relação ao estudo do futebol<sup>2</sup>. No caso da sociedade portuguesa, a centralidade social do futebol é por de mais inegável, tornando surpreendente, não só para académicos internacionais, o número muito limitado de estudos neste campo no país.

A participação imediata ou televisionada nos eventos de futebol, a comunicação do conhecimento futebolístico e a identificação com uma equipa, bem como a prática do jogo — e, no caso dos mais jovens, o sonho de se tornarem jogadores profissionais —, desempenham um importante papel para milhões de pessoas de todo o mundo, independentemente, ou quase, do lugar

---

<sup>2</sup> Com poucas excepções, como é o caso de *A Época do Futebol — O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*, volume organizado por José Neves e Nuno Domingos, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, que apresenta um conjunto de estudos e reflexões alargadas oriundas do campo das ciências sociais relativamente ao futebol. Igualmente dignos de menção são os trabalhos realizados na área de confluência entre as ciências sociais e as ciências do desporto, com destaque para as obras *Aspectos Sociológicos do Desporto*, de Salomé Marivoet, Livros Horizonte, Lisboa, e *Futebol de Muitas Cores e Sabores*, organizada por Júlio Garganta, José Oliveira e Maurício Murad, Porto, Campo das Letras, 2004.

onde vivem e das suas condições de vida. Isto torna o futebol uma das principais formas/expressões culturais e simbólicas da modernidade.

Uma forma e expressão de modernidade predominantemente masculina, poderíamos acrescentar. Mas o argumento enfrenta limitações quando falamos de nações onde o futebol feminino lidera, como a China e os EUA, ou quando vemos os grupos de mulheres adeptas do Leste da Ásia ou imagens de alunas (envergando o véu) a jogar à bola nos campos desportivos das escolas e universidades do Irão. As mulheres iranianas, que em 1997 não eram ainda autorizadas a entrar no estádio nacional de futebol, invadiram-no literalmente aquando da celebração da qualificação do Irão para o Mundial de 1998 — sem qualquer interferência possível por parte da polícia e das forças de segurança. Durante o período de vigência daquela proibição, hoje obsoleta, muitas mulheres entravam no estádio vestidas de homens<sup>3</sup>. Em alguns países, as equipas nacionais de futebol feminino obtêm um *ranking* muito superior ao dos seus congéneres do sexo oposto<sup>4</sup>. Uma proporção de sucesso que, em menor medida, se verifica também noutros países recém-chegados, como os EUA, bem como, recentemente, noutras nações com longas tradições futebolísticas, como a Alemanha, cuja equipa feminina venceu o Mundial de 2003 e o Campeonato Europeu de 1995, 1997, 2001 e 2005.

## UM MUNDO DE HOMENS? FUTEBOL, ESTUDOS E GÉNERO

*O futebol ocupa grande parte da minha vida. Quando chegamos ao fim da temporada, sofremos sintomas de privação, como se de uma droga se tratasse.*

JEAN THOMASSON, adepta de futebol, 1991<sup>5</sup>

*As mulheres também jogam futebol.*

Expressão do protesto do grupo português feminista Zoina durante o EURO 2004.

---

<sup>3</sup> Bromberger, in *Le Monde Diplomatique*, Abril de 1998, p. 3.

<sup>4</sup> No Verão de 2004, cinco selecções de futebol feminino do Extremo Oriente encontravam-se nos primeiros 25 lugares do *ranking* da FIFA, ao passo que, das respectivas selecções nacionais masculinas, apenas a Coreia do Sul e o Japão ocupavam dois dos últimos lugares deste *top 25*. E, enquanto as equipas masculinas da Coreia do Norte e da China ocupavam, respectivamente, o 119.º e o 78.º lugares, as equipas femininas dos mesmos países alcançavam a 7.ª e a 5.ª posições no *ranking* internacional (Manzenreiter, 2006, p. 1). A propósito do futebol feminino do Leste da Ásia, v. Manzenreiter (2004).

<sup>5</sup> O gosto das mulheres pelo jogo e a intensidade do prazer que dele retiram são tipificados por uma entrevista publicada em *The Guardian* (21 de Novembro de 1991) a uma adepta de longa data dos Bolton Wanderers, Jean Thomasson, que afirmou «ter o jogo no sangue» (cit. por Haynes, 1993, p. 69).

Ainda nos anos 70, a dedicação feminina pelo futebol demonstrou uma certa coragem, até porque surgiram problemas nas próprias fileiras. O feminismo ainda estava longe do *slogan* «As mulheres também jogam futebol». Detlev Claussen, autor das biografias de Adorno e de Bela Guttmann — bem como do *ensaio* «Sobre a Estupidez no Futebol» incluído neste volume — lembrou durante uma conversa com os editores:

Nessa altura, quando os homens da esquerda europeia pareciam agarrar-se especialmente ao futebol, como se este pudesse compensar a desilusão da ausência da revolução dos trabalhadores, as mulheres concentravam-se, durante a transmissão de um jogo de futebol, em lançar tiradas como: «Rapazes, aquilo não é uma baliza e um golo. São símbolos.»

Vinte anos depois, muita coisa mudou. No artigo que dedica aos estudos sobre o futebol e a masculinidade, Richard Haines, do Manchester Institute for Popular Culture, sublinha que as mulheres retiram muita energia da prática do futebol e da assistência ao mesmo (Haynes, 1993, p. 69). As mulheres enquanto adeptas de futebol e a dedicação feminina ao jogo<sup>6</sup> têm sido objectos de estudo desde finais dos anos 80, principalmente no Reino Unido, conduzindo a estudos académicos sobre o futebol, mas também noutras regiões da Europa e fora dela<sup>7</sup>. Apesar da falta de números e de estudos sobre os espectadores do sexo feminino em Portugal, não corremos risco ao afirmar que o número de mulheres nos estádios portugueses tem aumentado significativamente ao longo dos últimos vinte anos, especialmente desde o EURO 2004, em parte talvez devido à melhor qualidade (em termos de segurança e de instalações) dos novos estádios.

Ainda assim, o número de homens apreciadores de futebol continua a ser maior do que o de mulheres, e é com base neste facto que as campanhas de *marketing* são construídas, se bem que as mulheres, enquanto potenciais consumidoras e também jogadoras (Brasão, 2004), tenham começado a surgir como grupo alvo das estratégias comerciais e das políticas do futebol internacional a partir de finais da década de 1980 e inícios da década seguinte. Em 1999, por ocasião do campeonato mundial celebrado nos EUA, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, escolheu palavras amáveis ao afirmar:

---

<sup>6</sup> V., por exemplo, <http://www.upfront-online.co.uk/overview.htm>, o *site* para as mulheres adeptas do futebol, e <http://www.sendustotheworldcup.com/>, o *website* oficial das Female Football Fanatics.

<sup>7</sup> V., por exemplo, <http://www.le.ac.uk/so/css/resources/factsheets/fs9.html>, *A Brief History of Female Football Fans*, Centre for the Sociology of Sport, Universidade de Leicester, Reino Unido, e Woodhouse (1991). Para o caso do Japão, v. Tanaka (2004). As adeptas de futebol portuguesas são em parte referidas nas obras de Salomé Marivoet (Marivoet, 2002).

«O futuro do futebol é feminino.» Noutras ocasiões, próximas do Mundial da Coreia/Japão, o mesmo Blatter declarou também que o futuro do futebol estava na Ásia — porém, o aspecto interessante destes dois prognósticos é o facto de reflectirem ambos as estratégias globalizantes do futebol sob a direcção da FIFA e dos interesses económicos que lhe estão associados (Manzenreiter, 2006). É igualmente interessante observar que a fantasia de um futuro feminino para o futebol adquiriu uma espécie de reconhecimento oficial (ao ser formulado pelo presidente da FIFA) cerca de dez anos depois de as mulheres se tornarem um alvo de interesse, enquanto, por outro lado, as mulheres continuam até hoje a lutar por apoios financeiros básicos no futebol profissional e a estar praticamente excluídas de todos os principais centros de poder do mundo futebolístico e de quase todas as instituições dominantes ligadas ao futebol. Alguns poderão esperar, e outros recear, que um outro exemplo proveniente dos EUA possa ser instrutivo neste campo: a *T-shirt* usada por todas as jogadoras de futebol juvenil durante um jogo em Pontiac em 1993 mostrava, da esquerda para a direita, um homem das cavernas, um jogador de futebol americano, um jogador de futebol e uma jogadora de futebol. Sob estas imagens lia-se uma única palavra: «Evolução» (*When Saturday Comes*, Agosto de 1993, p. 24).

Ainda que sob ameaças de mudança, o futebol, como frequentemente proclamado, parece continuar a ser uma arena de masculinidade. Um número maior de homens do que de mulheres continua a *viver* o futebol, mas, uma vez que as mulheres vivem com os homens, o impacto do futebol, para o bem e para o mal, não está limitado à parte masculina da sociedade. Na década de 1980, a masculinidade heterossexual tornou-se objecto de discurso, especialmente no mundo do futebol, onde se afirmou como o *mainstream* da vida cultural dos homens<sup>8</sup>. Para os homens e mulheres que tentam alterar as ideias dominantes da masculinidade e as mitologias do patriarcado, a dificuldade reside no facto de que emitir tais ameaças aos mitos e ilusões de superioridade produz frequentemente uma mais forte união entre os homens (Haynes, 1993, p. 56)<sup>9</sup>. Woodhouse, que realizou uma primeira sondagem aos adeptos de futebol do sexo feminino no Reino Unido, descobriu que muitas das mulheres que assistiam aos jogos em 1991 eram indiferentes à perspectiva de um aumento do número de espectadores do sexo feminino. Alguns autores académicos (por exemplo, Haynes, 1993) interpretaram estes dados empíricos como sublinhando uma ironia, nomeadamente, de que a atmosfera masculina dos jogos é de suprema importância para a experiência futebolística — uma interpretação que não só nega um prazer e experiência

---

<sup>8</sup> Quanto à masculinidade homossexual e o futebol, v. Haynes (1993), pp. 71 e segs., Eco (1986) e Metcalf (1985).

<sup>9</sup> V. também Cockburn (1988) e, para o equivalente americano, Burton Nelson (1995).

do *jogo* para além do *evento* indiferentes ao género nas mulheres, mas também nos homens, e como tal pode ser vista como altamente problemática. O que continua a ser importante até hoje, quinze anos após a sondagem de Woodhouse, é a conclusão sugerida de que as atitudes dos homens perante a relação entre as mulheres e o futebol têm de ser desafiadas e alteradas para que possam ocorrer verdadeiros progressos nas relações entre os géneros no contexto do futebol (Woodhouse, 1991). Considerar a generalidade das mulheres como estranhas ou indiferentes ao futebol é um entre vários becos sem saída (anti)intelectuais que Detlev Claussen classifica como a «estupidez no futebol».

Para além do interesse das mulheres pelo jogo, os estudos sobre o futebol oferecem perspectivas interessantes sobre os processos (mutáveis) da construção social e cultural da masculinidade (Archetti, 1994; Kreisky/Spitaler, 2006), um assunto ao qual as mulheres (inclusive ou especialmente aquelas que não se interessam pelo jogo) não são indiferentes, em parte porque têm de lidar com os seus resultados na sociedade abrangente.

E, embora as políticas educativas feministas privilegiassem tradicionalmente os programas de apoio às raparigas nas actividades escolares e de lazer, as actuais correntes feministas aceitam, e por vezes enfatizam, a importância de programas especiais de apoio aos rapazes, pela simples razão de que a sociedade exige que as raparigas lidem com rapazes, uma aventura que parece ser mais prometedora quando a integração social de ambos os sexos é bem sucedida<sup>10</sup>. Os programas de apoio à educação dos rapazes, uma vez mais, centram-se na actividade desportiva. O impacto importante e positivo da educação física — e, aqui, do futebol, já que é o desporto mais popular entre os rapazes, pelo menos — volta a merecer uma atenção especial por parte dos académicos, profissionais e responsáveis políticos ligados à juventude numa era em que prevalecem as actividades de estudo e lazer relacionadas com os computadores. Especialmente devido à emancipação do desporto (escolar) de métodos autoritários (por vezes de tipo militarista) verificada durante as últimas décadas, os aspectos positivos do espírito de equipa e do respeito (pelas regras, por si próprio e pelos outros, incluindo o árbitro) que estruturam o jogo estão a conquistar um novo reconhecimento. O controlo e o autocontrolo são duas capacidades que o futebol activo

---

<sup>10</sup> Actualmente, estas novas perspectivas podem ser observadas pelo menos no contexto de expressão alemã. Foram inspiradas e fazem parte das controvertidas discussões em curso sobre a separação entre os sexos no sistema educacional, um assunto que deu origem a experiências educativas e a estudos sobre as mesmas desde meados da década de 1990 (v., por exemplo, *Der Spiegel*, n.º 19, 1996, «Zurück zur Mädchenschule: Mehr Chancen für Frauen?», [www.girls-day.de/content/download/979/5953/file](http://www.girls-day.de/content/download/979/5953/file) e <http://www.spiegel.de/unispiegel/wunderbar/0,1518,311812,00.html>; a propósito de programas de apoio para ambos os sexos, v. a reportagem principal do *Der Spiegel* de 17 de Maio de 2004).

oferece e exige — estas não podem ser entendidas apenas como capacidades-chave para uma vida com autodeterminação e integração social, revestindo-se também de importância no que toca à interacção e ao convívio entre rapazes e raparigas, mulheres e homens.

Embora haja mais homens do que mulheres envolvidos no futebol como um importante fenómeno cultural, económico e social, a importância e impacto da experiência e eventos futebolísticos mediados e imediatos afectam a sociedade no seu todo. Uma vez que a análise e a reflexão sobre fenómenos centrais à vida quotidiana das pessoas constituem o objectivo de milhares de cientistas sociais de todo o mundo (entre os quais uma percentagem significativa de homens), parece-nos importante colocar a questão: por que será que o futebol parece ser, na melhor das hipóteses, um parente pobre entre os tópicos de estudo das ciências sociais contemporâneas?

### SUBVALORIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DO FUTEBOL COMO OBJECTO DE ESTUDO

A visão do sociólogo do desporto Eric Dunning poderá constituir uma leitura acertada da situação: «Os sociólogos têm esquecido o desporto principalmente porque só alguns conseguiram distanciar-se o suficiente dos valores dominantes e das formas de pensamento características das sociedades ocidentais para terem a capacidade de compreender o significado social do desporto, os problemas que este coloca ou o campo de acção que oferece para a exploração de áreas de estrutura social e do comportamento que, na maior parte das vezes, são ignoradas nas teorias convencionais» (Dunning, 1979, p. 2).

Pode ser que a subvalorização do futebol por diversos tipos de elites intelectuais esteja ligada à «ética do trabalho», um dos valores dominantes das sociedades ocidentais, e ao facto de o desporto ser menos valorizado do que outras áreas habitualmente conotadas com a expressão pessoal e com o lúdico, como as artes. Naturalmente, tais representações e valores são dominantes também entre a comunidade científica, incluindo as ciências sociais.

O desporto, e neste caso particular o futebol, parece ter sido ignorado como um objecto de reflexão sociológica e de investigação, em especial, porque sempre foi visto como tendo características que o situam no lado menos «respeitável» e relevante do conjunto de dicotomias que marca os valores sociais dominantes. Dicotomias que opõem, por exemplo, trabalho a lazer, espírito a corpo, seriedade a prazer, etc. Desde a sua fundação, a sociologia orientou-se para os chamados aspectos sérios e racionais da vida, o que resultou numa escassa e irrelevante atenção para as questões do divertimento, do prazer, do jogo, das emoções, ou seja, alguns dos aspectos



centrais do desporto. Nos quadros do pensamento ocidental, em que se inclui o académico, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente (daí também a suposta inferioridade em relação às artes). Em consequência disto, tomou-se como dado adquirido que o desporto não levanta questões sociológicas importantes, como acontece com os aspectos ditos «sérios» da vida: a política, a economia, etc. Como demonstrado no presente volume (veja-se, por exemplo, Riordan, Manzenreiter/Horne, Alvito, Brown), estes são aspectos onde o futebol enquanto objecto de estudo relevante entra em jogo quando se analisam as estruturas económicas e políticas e seu contexto.

No entanto, parece-nos que os investimentos simbólicos (Bromberger, 1995) e emocionais que os indivíduos realizam a propósito do futebol e que não surgem com a mesma intensidade e dimensão noutros desportos e espectáculos, constituídos pelas lealdades, pelas sociabilidades, pelas rivalidades, pelos rituais, que o jogo suscita nos seus milhões de «seguidores» fiéis, desempenham papel fundamental na compreensão da centralidade social do futebol.

## O CONTRIBUTO DOS ESTUDOS SOBRE FUTEBOL PARA OS DISCURSOS ACADÉMICOS ACTUAIS

O terreno do futebol representa, em termos nacionais, mas também globais, uma área-charneira a nível dos discursos, das tendências, processos e fenómenos sociais muito amplos e significativos que envolvem e afectam toda a sociedade. Ele condensa e traduz uma das grandes tendências sociais da nossa contemporaneidade, designadamente a nível do projecto da modernidade — que abarca os últimos duzentos anos —, dominado por fortes tensões entre o desenvolvimento do capitalismo liberal (procurando a imposição do princípio do mercado) e as resistências comunitárias e associativas (defendendo a imposição do princípio da comunidade).

Como já referiam José Neves e João Rodrigues (2004, p. 170), a maior prova desta mercantilização é a própria retórica de mercado no mundo do futebol, no seguimento daquilo que podemos identificar como um desporto «inventado como espectáculo e progressivamente feito mercadoria». E, acompanhando o raciocínio destes autores, na realidade isto não se passa apenas no futebol, mas na sociedade mais vasta, como resultado da «ascensão e afirmação de uma visão neoliberal da vida e do mundo que visa instaurar o mercado como a norma que por excelência rege as relações sociais (Rodrigues e Neves, 2004, p. 170). Ou seja, o senso comum ideológico neoliberal tornado hegemónico. Como diria Boaventura Sousa Santos (1994, p. 79), o princípio do mercado tem vindo a impor-se, superando o

princípio da comunidade, no projecto da modernidade. Também no futebol, como não podia deixar de ser, isto acontece, designadamente quando este se tornou globalizado. Os clubes transformam-se em sociedades anónimas, por acções, os grupos dos *media* entram em força no futebol<sup>11</sup>.

Este volume reflecte a enorme importância da questão do capitalismo empresarial e das mudanças no mercado e negócio mundiais do futebol: se bem que apenas um pequeno número dos estudos aqui apresentados tome estes desenvolvimentos como tema principal, eles são referidos em todos os artigos. Além disso, os contributos sobre o Brasil, a Inglaterra, Portugal, a Alemanha e o Extremo Oriente tornam particularmente claro que a transformação deste desporto numa indústria cultural global dominada por interesses económicos de poderosos agentes, nomeadamente ligados aos *media*, está decisivamente a alterar a relação dos adeptos com o futebol. Ao mesmo tempo estas alterações poderão pôr em causa de forma determinante o potencial de participação e interacção social que o futebol pode implicar.

Mais recentemente, desde o ponto de viragem histórico de 1989, as questões do espaço e do sentimento de pertença, normalmente analisadas sob o rótulo das «identidades» (colectivas), ascenderam ao topo da agenda política e académica.

O campo de estudos do futebol não se limita a levantar questões específicas ligadas à construção de comunidades imaginadas, às percepções tradicionais e mutáveis de espaço e de pertença: como a lealdade e identificação a/ com um clube ou uma equipa de futebol traz consigo uma forte sensação de pertença a um colectivo abrangente caracterizado por formas de solidariedade e sociabilidade internas que promovem a integração social. Sem que tal obrigue a uma prática «militante» e sistemática dos indivíduos, que possuem a consciência de pertença a um grupo mesmo que não conheçam pessoalmente outros membros ou até sem se deslocarem ao estádio da sua equipa.

No presente volume, estas questões são analisadas a nível local por Adam Brown, no que respeita ao Reino Unido (nomeadamente Manchester), e a nível nacional por Jim Riordan, que analisa o caso russo, e por Wolfram Manzenreiter e John Horne, que examinam a «implantação» do futebol no Extremo Oriente. Miguel Moniz, por seu turno, aborda o nível transnacional ao centrar a sua análise nas comunidades lusófonas dos EUA. Para muitos estudiosos, a instrumentalização e o papel do futebol nos discursos nacionais

---

<sup>11</sup> «As modificações ocorridas nas relações contratuais entre os jogadores e os clubes com o célebre acordo Bosman, a apropriação do futebol pela televisão — verdadeiro cavalo de Tróia da sua transformação em produto comercial —, o interesse crescente que o negócio do futebol desperta em empresas financeiras e não financeiras, a importância cultural e simbólica das marcas e patrocínios, são outros tantos sinais de mutações que sinalizam a entrada do desporto no mercado, a única coisa que no capitalismo é verdadeiramente universal» (Rodrigues e Neves, 2004, pp. 172-173).

e coloniais do passado pertencem de facto àquilo que hoje denominamos políticas e discursos de identidade — e são apresentados exemplos históricos por Nuno Domingos, que explora o caso da formação do futebol moçambicano no período tardio do terceiro império português, e por Tiago Maranhão, que examina o papel do futebol nas influentes teorias de Gilberto Freire sobre a raça e a integração nacional no Brasil da década de 1930. Os estudos sobre o futebol não só contribuem com dados empíricos e reflexão teórica sobre os discursos de identidade, como também fornecem novas abordagens — por exemplo, as que se relacionam com os processos de construção da comunidade aos níveis local (Brown) e transnacional (Moniz).

Ademais, durante os últimos quinze ou vinte anos, os tópicos da emoção e da excitação, do lazer e do prazer estético, passaram indubitavelmente a merecer muito mais atenção por parte das ciências sociais, e alguns desses temas tornaram-se até centrais (como recém-chegados ou clássicos recuperados) nos estudos de antropologia (a «antropologia das emoções», por exemplo) ou em estudos relacionados com a cultura popular, o desporto e os fenómenos culturais e estéticos enquanto tal.

No que diz respeito aos tópicos da emoção e da excitação nas sociedades contemporâneas, os fenómenos ligados ao futebol, bem como a análise dos mesmos, tornaram-se também uma preciosa fonte de reflexão. A muito citada obra pioneira de Norbert Elias e Eric Dunning, *A Busca da Excitação* (que teve a sua 1.<sup>a</sup> edição portuguesa em 1992), tornou-se aquilo a que costumamos chamar um «clássico».

A excitação vivida em consequência do envolvimento emocional relevante da identificação com uma equipa (muitas vezes mais específico a lealdade clubista) permite, no caso do futebol, a satisfação das necessidades de um certo «descontrolo controlado» das emoções, socialmente aceite. Inclusive legítima, pelas características de espectáculo de massas, formas transgressivas de comportamento, nomeadamente no espaço do estádio. Essa excitação partilhada, que resulta em grande parte dos investimentos simbólicos promovidos pelo adepto em relação ao seu clube (e dos seus significados igualmente partilhados), é especialmente produzida a propósito do jogo de futebol, marcado por duas características cruciais da modernidade: a incerteza (e o risco) e a constante renovação (de jogadores, de competições, de épocas) (Dunning e Elias, 1992; Bromberger, 1995).

A excitação parece ser uma das experiências-chave para os adeptos e os profissionais do jogo, acompanhada por, e culminando em, bruscas oscilações entre a esperança e a desilusão, a sorte e o azar, o prazer e o pesar. Se bem que estas emoções sejam partilhadas com o colectivo, o pesar na experiência futebolística, especialmente nos casos de uma forte lealdade a um clube, é entendido pelos adeptos fervorosos como uma questão muito pessoal. Este sofrimento e a sua solidão, bem como a centralidade da ligação

a um clube de futebol na biografia pessoal, são expressos de modo intenso naquele que é talvez o mais famoso romance autobiográfico escrito por um adepto do futebol, *Fever Pitch*, de Nick Hornby. Publicado pela primeira vez em 1992 (por Victor Gollancz, em Londres), o livro foi traduzido para muitas línguas e é considerado entre os adeptos de futebol como uma descrição representativa do que significa ser-se adepto. O romance explica que, se para muitas pessoas assistir a um jogo de futebol é um mero entretenimento e para algumas outras é mais um ritual, para certos adeptos os altos e baixos do jogo proporcionam uma narrativa da própria vida. Para Hornby, a sua devoção pelo jogo constitui um dos poucos aspectos estáveis numa vida onde as coisas importantes — como crescer, deixar a casa da família e estabelecer relações de amizade, parentais e românticas — raramente são tão simples ou descomplicadas como o seu amor pelo *Arsenal*, ainda que esta sua obsessão lhe proporcione talvez mais tristezas do que alegrias e — ao contrário da imagem do evento de massas e da «natureza colectiva» do amor ao futebol — sentimentos menos partilháveis do que se esperaria:

É um estranho paradoxo que enquanto o sofrimento dos adeptos de futebol (e é um sofrimento real) é privado — cada um de nós tem uma relação individual com o clube, e eu acho que cada um de nós está secretamente convencido de que nenhum dos outros compreende exactamente a extensão e intensidade dessa relação — tenhamos de sofrer em público... [Hornby, 1992, p. 109].

Esta percepção reflecte a experiência individual de dissemelhança em relação ao colectivo, não obstante os sentimentos de pertença e de identificação, não obstante as emoções, convicções e conceitos partilhados: podemos lê-la como uma pista útil para a experiência subjectiva dos membros da sociedade (e de outros colectivos) em geral.

## O PRAZER DA BELEZA

*O futebol — a mais fecunda forma de arte do século XX.*

BERTOLD BRECHT<sup>12</sup>

E, contudo, é pouco provável que o futebol venha a ser considerado um elemento importante de arte contemporânea ou para o campo da experiência estética.

---

<sup>12</sup> Cit. in «Fußball: Kunst», in *Der Fußball-Kalender-2006*, Nuremberga, Verlag für Moderne Kunst.

Pensar sobre a questão do prazer que sentimos pelo desporto para desenvolver uma verdadeira estética futebolística é um sério desafio para académicos. Sério porque, em primeiro lugar, não sabemos a resposta. Em segundo lugar, porque não deve existir outro fenómeno, como é o caso do desporto em geral, mas do futebol em particular, cuja dimensão tenha aumentado tanto nas sociedades actuais e que se tenha furtado com tanta eficiência às nossas ferramentas analíticas (Gumbrecht, 2001, pp. 11 e segs.). No seu estudo crítico sobre a lógica poderosa que rege e rodeia os fenómenos da celebridade no futebol e as suas relações com os meios de comunicação, Stephen Wagg refere-se a uma das dificuldades inerentes ao desafio de tomar o futebol como objecto de estudo:

Parte do poder do desporto e da cultura popular consiste no facto de conseguir frequentemente persuadir-nos a abandonarmos as nossas faculdades críticas — por exemplo, ouvi muitas vezes dizer a amigos de esquerda que «podemos discutir todos os aspectos do capitalismo empresarial — excepto no que toca ao futebol. Quanto ao futebol, somos todos iguais — odiamos esta ou aquela equipa, etc.»

Manter uma distância necessária em relação ao objecto de estudo de forma a preservar uma perspectiva crítica constitui um padrão metodológico e um importante requisito, mas não resolve inteiramente o problema. No estudo que publica neste volume, Detlev Claussen, que não tem por hábito citar a Bíblia, recorda-nos o simples facto de que «no princípio do futebol não era o verbo, mas a bola». E prossegue afirmando que, até ao momento, pouquíssimos tópicos se comparam ao futebol em dificuldade de estudo, com a possível excepção da música (Stephen Wagg acrescentaria certamente a *comédia*). É o poder da cultura popular, o envolvimento emocional e o prazer da beleza que tornam tão complexa a análise da experiência estética do futebol.

Então, por que têm os atletas tanto prazer em competir entre eles e por que têm os espectadores tanto prazer em observá-los ? Onde está aqui o prazer estético?

Ao tentarmos abordar esta questão, seguiremos a sugestão de Gumbrecht (2001), que apresenta a resposta muito sucinta e convincente de um desportista.

O atleta de nível mundial Pablo Morales, nadador californiano e vencedor de medalhas de ouro em dois Jogos Olímpicos, descreveu uma vez de uma maneira muito clara a atmosfera especial que une atletas e espectadores: «Os actuaes e os espectadores do desporto», segundo Morales, «perdem-se em intensidade concentrada» (cit. por Gumbrecht, 2001, p. 11).

O aspecto «perder-se» desta definição pode ser comparado à «insularidade» do acontecimento futebolístico no estádio (assim, o predicado «insu-

laridade» não se confere somente à arte): quando assistimos, a nossa atenção está de tal maneira absorvida que o mundo quotidiano parece desaparecer. A definição de Morales para «intensidade» aponta no sentido de tanto o corpo e espírito do atleta como o do espectador se encontrarem num estado de tensão e absorção extrema. Esperamos tão intensamente pelas reacções dos corpos dos jogadores e dos nossos também que tudo o que acontece pode produzir efeitos extremos — efeitos esses que podem tornar-se perigosos se a massa de espectadores ou mesmo os atletas perderem o controlo durante essa situação de absorção extrema. O terceiro aspecto da definição de Morales que atletas e espectadores têm em comum diz respeito à tensão específica, que é «concentrada», e não dispersa por um qualquer acontecimento.

Mas em que é que se concentram tão esforçadamente atletas e espectadores? O que aguardam tão atentamente? Gumbrecht (2001) salienta que esperam uma epifania, ou seja, uma aparição repentina e que se eleve e que, pelo menos durante um momento, tenha substância e forma. Isto torna-se mais explícito quando tomamos em consideração que uma epifania é também aparição e acontecimento ao mesmo tempo. E o que aparece como acontecimento pode ser muitas vezes surpreendente, como, por exemplo, uma defesa nunca vista de um guarda-redes. Para se transformar em acontecimento, uma aparição só necessita de criar uma descontinuidade, uma ruptura. Sabemos, de facto, que uma equipa entra em campo num determinado momento e, apesar de completamente previsível, provoca uma reacção de grande tensão. A epifania, na qual se concentra a expectativa tensa dos atletas ou espectadores, pode assim ser descrita em todo o caso como a relação específica entre uma substância (constituída por um ou mais corpos) e uma forma. Na nossa percepção, essa relação substância-forma é equacionada em particular por jogos de equipa [em oposição a desportos com vários júris, como, por exemplo, ginástica (acrobática) ou também atletismo].

Jogos de equipa, como o futebol, criam um género complexo de epifania. Aqui não se trata de saber se um corpo tem capacidade de ocupar as exigências de uma forma específica, porque no futebol não existem formas preestabelecidas a serem concretizadas. No estádio esperamos ansiosamente o momento em que a equipa com a posse de bola concretize formalmente uma bonita jogada. Quando surge essa forma, ela também já é acontecimento — porque nunca podemos ter a certeza de que esse acontecimento irá existir realmente, por estar constantemente ameaçado pelas tentativas de defesa da equipa adversária.

Mas uma bonita jogada também tem a sua beleza porque é vista pela maior parte dos espectadores pela primeira vez e jogada dessa maneira pela primeira vez. Além disso, a forma de uma dessas jogadas está delimitada temporariamente: dissolve-se, desaparece enquanto é efectuada, e o jogo nunca mais voltará a ser jogado assim. Uma fotografia não pode captar a sua

essência, e uma transmissão televisiva só o faz parcialmente, porque nunca mostra o espaço completo/campo inteiro. Por fim, uma dessas jogadas também pode ser descrita como uma forma corporal que somente pode ser realizada num espaço — e, em geral, no futebol é grande a importância do domínio do espaço, aquele que a televisão não pode captar. No estádio, os corpos dos espectadores são convidados a relacionarem-se com essa forma. A epifania ou aparição de uma forma desconhecida é determinante para o prazer com que assistimos a um jogo no estádio.

Cada amante de futebol sabe a satisfação que sente quando uma equipa ataca com uma série de passes surpreendentes e concretiza uma jogada quase utópica à frente dos seus olhos: o golo de Rui Costa contra a Inglaterra durante o EURO 2004 foi, sem dúvida, um desses acontecimentos. A satisfação que daí resultou é uma mistura de alegria espiritual e uma agradável satisfação física (para os adeptos com dificuldades de circulação foram necessários enfermeiros/médicos); normalmente essa sensação parece-se com um profundo respirar ou um riso de alegria. Um tal entusiasmo não se consegue conter. E também é diferente do alívio que sentimos quando a nossa equipa marca golos: quando ganha a nossa equipa, o mundo agrada-nos como é, mas, quando um jogo e as jogadas também têm beleza, então as nossas perspectivas sobre a representação do possível aumentam significativamente.

No estádio podemos encontrar regularmente em experiências pessoais a definição clássica do conceito de «estética», nomeadamente na infalível capacidade de os verdadeiros adeptos fazerem a diferenciação entre um «jogo bonito» e um «jogo feio» — independente do resultado. Todos aqueles que têm prazer no jogo irão concordar neste juízo, apesar de normalmente não saberem dizer em relação a que conceitos ou critérios eles o acham bonito. Esta descrição pode parecer simplista, mas corresponde exactamente à resposta de Kant à questão da especificação do juízo estético. Segundo Kant, esta reside na capacidade de estabelecer um consenso, uma concordância; concordância esta que se baseia num juízo que não tem consciência dos próprios critérios e conceitos — o que nos leva a outra expressão conhecida (da terceira crítica) de Kant na sua «Estética». Gumbrecht (2001, p. 16) refere-se à sua descrição do prazer da beleza enquanto «prazer desinteressado». «Desinteressado» quer dizer aqui que nós, em relação à nossa situação quotidiana, não conseguimos fundamentar a razão pela qual gostamos ou desgostamos de coisas, ou as achamos «bonitas» ou «feias», no âmbito da nossa experiência estética pessoal. Quando nos sentimos atraídos por essas coisas, não é porque a sua presença aumenta a nossa riqueza (o que não se pode dizer de uma visita aos novos estádios) ou a nossa saúde (o que não se pode dizer de uma visita aos velhos estádios). É isto a que Kant se refere quando equaciona o prazer estético «desinteressado». E é disto que falam críticos e filósofos depois de Kant quando falam de «autonomia» ou «insularidade» da arte.

É evidente que não precisa de existir uma estética filosófica do futebol para conferir ao desporto uma honra académica e artística. Se milhares de milhões de pessoas continuam a ver futebol, apesar dos habituais escândalos, não há nada de que ele necessite menos do que de uma aura académica ou artística. A deficiência encontra-se noutra sítio. Considerar seriamente o futebol como um fenómeno estético pode mostrar-nos quanto são rígidas/limitadas algumas conjecturas habituais acerca do *lado social* da beleza:

Sim, todos os fenómenos da cultura erudita, cuja queda foi apressadamente anunciada por uma apeteçência pós-moderna, todas essas coisas conhecidas, aceites como sendo maravilhosas, livros, ópera, pintura e o *ballet*, ainda estão vivas. No entanto, pode considerar-se que não existe nenhuma outra forma de cultura contemporânea que transmita mais beleza a mais pessoas do que o desporto [Gumbrecht, 2001, p. 12].

Se tínhamos negligenciado esta evidência, isso deveu-se à enorme dificuldade que temos em diferenciar o *prazer da beleza* e os *rituais da cultura erudita*.

## PONTAPÉ DE SAÍDA — PARA O MEGAEVENTO E A EXPERIÊNCIA FUTEBOLÍSTICA EM NOVOS TEMPOS E ESPAÇOS

*Primavera de 2006, Portugal, temporada de futebol*: a Superliga (agora oficialmente Liga Betandwin)<sup>13</sup> aproxima-se de uma fase decisiva, os meios de comunicação portugueses seguem a carreira dos futebolistas profissionais nacionais no estrangeiro, concentrando assim a sua atenção nas ligas nacionais da Inglaterra, Espanha, Itália e outros países<sup>14</sup>. Os administradores e descobridores de talentos dos principais clubes portugueses viajam para o Brasil, Moçambique e outros países lusófonos em busca de jovens promissores e assinando acordos («de exportação») com os clubes locais<sup>15</sup>. Dos seis clubes portugueses que começaram a participar nas competições europeias, resta o Benfica, que entra na última fase da Liga dos Campeões. A selecção nacional portuguesa ocupa a 10.<sup>a</sup> posição no *ranking* da FIFA, a imprensa destaca as «três selecções lusófonas» (Brasil, Portugal e Angola)

---

<sup>13</sup> Desde a temporada de 2005-2006, Betwandwin é o nome oficial e o principal patrocinador do campeonato da 1.<sup>a</sup> Divisão em Portugal. A Betwandwin é uma conhecida empresa de apostas que funciona sobretudo através da Internet.

<sup>14</sup> No diário desportivo *O Jogo* é semanalmente actualizado um *ranking* dos jogadores portugueses a trabalharem na Europa com base nas suas aparições, golos, etc.

<sup>15</sup> V., por exemplo, *O Record*, 15 de Dezembro de 2005, pp. 6-7.



que se qualificaram para o Campeonato do Mundo e a questão de quem será convocado para a sua selecção nacional na Alemanha preenche as colunas de desporto dos jornais e as conversas sobre o futebol. Aquelas três equipas, e as outras 29, começam a preparar-se para a competição.

*Primavera de 2006, mercados globais, discursos internacionais:* e o mesmo se pode dizer a propósito das comissões organizadoras, das forças de segurança, das agências de viagens, das organizações profissionais de acolhimento de adeptos, da indústria do *merchandising*, dos meios de comunicação e, *last but not least*, dos adeptos e das associações de adeptos. Os preparativos para o evento de massas à escala global prosseguem a grande velocidade, muito para além dessas arenas de interesse profissional e de lazer que durante todo o ano se concentram no desporto, em geral, e no rei dos desportos, em particular. Estes incluem *designers* e artistas, roteiristas e investigadores. Os editores, as instituições culturais e as academias pedem contributos, convidando autores e cientistas sociais a organizarem discussões e conferências.

A Primavera de 2006 é um momento privilegiado para observar fenómenos que à primeira vista se relacionam com o futebol, mas que, na verdade, resultam de — e são determinados por — uma lógica particular que está para além do futebol, nomeadamente a relação entre os megaeventos e o tempo na sociedade moderna. Estes eventos têm gozado de uma duradoura popularidade entre as massas desde a sua criação em finais do século XIX — e continuam a ser muito populares nesta era da globalização. Muita da enorme proliferação e diversificação da economia do futebol, bem como o interesse público e científico e sua produção cultural, são inseparáveis do megaevento do Campeonato do Mundo, mas não são específicos do futebol. No entanto, entre todos os megaeventos, esta competição é a mais popular<sup>16</sup>. Os megaeventos, como os eventos desportivos e culturais internacionais como os Jogos Olímpicos e as feiras mundiais, possuem um estatuto extraordinário em virtude da sua muito ampla escala e da sua periodicidade (Roche, 2003, p. 99). Daqui em diante, esta dimensão dos interesses, questões e mercados associados ao futebol é até certo ponto temporária e a sua popularidade deriva dos papéis adaptativos e positivos importantes que o evento continua a desempenhar na estruturação interpessoal e pública do tempo. Como afirma Roche, os megaeventos são acções culturais colectivas de curta duração («horizontes efémeros»: Greenhalgh, 1988), as quais, não obstante, possuem dimensões sociais pré e pós-evento de longa duração (Roche, 2003, p. 99).

---

<sup>16</sup> O Campeonato do Mundo de 1998 teve uma audiência acumulada de 37 mil milhões de espectadores, com cerca de 2 mil milhões a assistirem ao jogo da final, ou pelo menos a partes do mesmo (Coelho, 2001, p. 35).

*Verão de 2004, ruas de Lisboa após o EURO 2004:*

Em silêncio, o quotidiano tratava de arrumar os sonhos. Em silêncio estavam as ruas de Portugal na manhã de 5 de Julho, após a derrota na final do EURO 2004 contra a Grécia. Depois de todas as celebrações e de gracejos nas ruas durante a competição, a «perda» do título europeu não seria referida durante semanas. Somente as bandeiras de cor verde e vermelha brilhavam ainda, ressecadas no calor, e, nesse silêncio, apenas os *opinion makers* lançavam as suas análises [Tiesler, 2005, p. 13].

Estamos nas vésperas do Campeonato do Mundo da FIFA de 2006, e, num momento em que as imagens do último evento de massas futebolístico mundial, o EURO 2004, continuam bem presentes na sociedade portuguesa e nos discursos e memória internacionais, a *Análise Social* lança o seu primeiro número temático dedicado, não aos megaeventos, mas ao futebol. Ao contrário do megaevento, o objecto desde volume — o futebol, na sua dimensão social, histórica, económica e cultural — pode ser entendido como uma acção cultural de *longa duração* na modernidade e nas biografias pessoais, com dimensões sociais de longa duração (incluindo as dimensões emocionais pré e pós-evento, de mais curta duração) — e, durante a temporada, de incidência pelo menos semanal. Aqui as palavras-chave são «pelo menos» e «semanal» e merecem um ponto de interrogação quando o futebol, na sua formação social corrente, se torna o objecto de estudo de cientistas sociais que pretendem abordar algumas das mais notáveis questões e desenvolvimentos recentes do futebol num mundo globalizado.

Durante os últimos quinze anos, uma das questões-chave nos discursos académicos sobre a globalização foi a compressão e as novas experiências do tempo e do espaço (Harvey, 1990)<sup>17</sup>. Na realidade, tais mudanças tornam-se muito evidentes quando se analisa a relação entre a experiência do futebol (evento) e o tempo. A experiência do futebol por parte dos profissionais e dos adeptos, bem como a respectiva produção cultural, eram outrora emolduradas por um ritmo semanal muito estável. Os variados rituais pré e pós-jogo e os diversos aspectos de natureza física e psicológica, prática e emocional, inscreviam-se numa rotina que estruturava as tradições sócio-culturais (e o tempo de lazer familiar), que se centravam e culminavam num momento específico, «when saturday comes»<sup>18</sup>. As tardes de sábado (ou de

---

<sup>17</sup> Este conceito da «compressão do tempo e do espaço» foi introduzido por David Harvey em 1989. Embora Harvey não use a noção de globalização, o seu livro *The Condition of Postmodernism* (1990), particularmente a terceira parte, onde desenvolve o tema da experiência do tempo e do espaço, estabelece um *core impulse* nos chamados debates pós-modernistas e para além deles, bem como nos debates sobre a globalização ligados à economia, à cultura, à experiência societal, etc.

<sup>18</sup> A tradição do sábado permanece muito viva, pelo menos fora dos estádios, se bem que em parte a um ritmo mensal: *When Saturday Comes* (WSC) é uma revista mensal de

domingo, no caso de Portugal) foram em tempos o momento de ir ao estádio ou de ligar o rádio.

Uma primeira mudança ficou a dever-se à transmissão dos jogos de futebol pela televisão, a par da «democratização da televisão»: a sua implantação na grande maioria dos lares na generalidade dos países europeus ocidentais a partir de finais dos anos 50 (ou, em Portugal, nos anos 70), após o Campeonato do Mundo de 1958 na Suécia — que trouxe pela primeira vez às casas europeias «o futebol de um outro planeta», nomeadamente a espantosa elegância da selecção nacional brasileira, em imagens a preto e branco<sup>19</sup>. A segunda mudança fundamental nos rituais futebolísticos e na sua relação com o tempo e o espaço resultou da privatização dos direitos de transmissão na década de 1980. Hoje em dia são os canais de televisão privados que determinam os horários dos jogos de futebol, subordinando-os ao horário nobre televisivo. Os jogos mais apetecíveis ocorrem à noite e terminam tarde, por vezes a um domingo ou segunda-feira, nas ligas nacionais, outras vezes, no caso das competições internacionais (sobretudo dos atractivos jogos da Liga dos Campeões), a uma terça-feira ou quarta-feira. Muitos adeptos queixam-se da situação actual, do preço dos bilhetes, dos horários e também dos custos do acesso ao futebol televisivo. Muitos deles não têm meios para frequentarem regularmente os estádios e/ou decidirem deixar de levar os filhos aos jogos (tardios) e outros abstêm-se de ir porque trabalham na manhã seguinte. Em diversos países (incluindo Portugal) a diminuição «das tardes de futebol» afectou o número de espectadores nos estádios. Mas a tarde de futebol não desapareceu definitivamente: tem sido em parte recuperada com vista a aumentar o número de espectadores. A transmissão exclusiva de jogos decisivos e/ou particularmente atractivos por canais de televisão privados tem conduzido à revitalização e à renovação da cultura de café ligada ao futebol, um desenvolvimento que parece ser particularmente forte na Alemanha e na Inglaterra e que aparentemente nunca chegou a desaparecer em Portugal. Como faz notar Marcos Alvito no seu artigo sobre o caso brasileiro, a concentração de poder em empresas individuais que detêm os direitos de transmissão dos jogos implica um outro desenvolvimento: a domesticação dos adeptos de futebol nos estádios com o propósito de produzir e garantir «imagens limpas de TV».

---

futebol do RU que cobre todos os aspectos da cultura futebolística do ponto de vista dos adeptos. Surgiu inicialmente sob a forma de *fanzine* em Março de 1986, na era pós-Heysel, quando o futebol não tinha praticamente qualquer cobertura séria na imprensa. De acordo com a descrição do editor, o objectivo da WSC foi sempre o de dar voz aos adeptos de futebol inteligentes, tentando oferecer uma perspectiva sobre o futebol simultaneamente séria e bem-humorada e cobrindo eventos futebolísticos no RU e fora dele. <http://www.wsc.co.uk/about/index.html>.

<sup>19</sup> O primeiro campeonato do mundo a ser transmitido a cores foi o de 1974.

A globalização do futebol deu azo à perda de certas tradições futebolísticas. E, como noutros domínios da cultura contemporânea, estas perdas são acompanhadas pela crescente reafirmação ou procura da tradição (o que se reflecte nos meios de comunicação, bem como nos discursos públicos e académicos), pela tentativa de renovação ou de (re)invenções em novos contextos e pela organização de manifestações de protesto por parte dos adeptos. Aquilo que podemos observar na cultura futebolística contemporânea é o sincretismo da tradição e da modernidade — a natureza destas não é pura nem contrária, sendo cada uma delas um elemento presente na outra.

A mudança das experiências do tempo e do espaço no ritual e experiência do futebol tornou-se evidente, emergindo como objecto de estudo já nos anos 90. Williams e Giulianotti analisaram o desenvolvimento social e o contínuo amor popular pelo futebol na Grã-Bretanha, citando, por exemplo, investigadores como John Bale (1993), John Clarke (1978) e Ian Taylor (1982), que oportunamente enfatizaram o papel do triângulo «topofilico» — entre o clube de futebol, o estádio do clube e o apoio afectivo da comunidade circundante. Os dois editores de *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity* (Aldershot, 1994) descobriram que existe claramente algo de válido nesta abordagem. Mas chamam a atenção para o facto de que nessa altura, contudo, a investigação empírica que baseava esta teoria era bastante escassa e, em consequência, verificava-se uma tendência para a romantização do passado, o que contribuía indubitavelmente para o poder de atracção do mesmo (Williams/Giulianotti, 1994, p. 12). Mais seriamente, as suas inclinações tradicionalistas implicavam que tal abordagem subestimava as plenas funções da modernidade ao interpolar o duradouro poder de atracção popular e transnacional do futebol. Cada vez mais evidente, por exemplo, para os dirigentes e para os adeptos «de sofá».

Williams e Giulianotti começaram por explicar o poder de atracção de massas, globalizado, mesmo para os milhões de não espectadores, de equipas como o Real Madrid, o Milan, a Juventus, o Manchester United e os Glasgow Rangers como estando para além dos limites das fronteiras nacionais, do sentido de pertença local e dos efeitos de mobilidade social internacional:

Não obstante, existe também um importante sentido (invenção?) de «lugar» e de «identidade» que impregna a natureza destes clubes e o apoio aos mesmos e que mobiliza as suas comunidades representativas. [...] No futuro globalizado dos desportos televisivos, a *collage* de métodos tradicionais e a importância do «enraizamento cultural» num lugar e dos localismos estabelecidos parecem ser pouco importantes na procura desenfreada do sucesso comercial [Williams/Giulianotti, 1003, p. 13].

As reflexões de meados da década de 1990 sublinharam já que os desenvolvimentos no mundo do futebol contemporâneo não podem ser vistos

como unidimensionais. O actual *state of the art* aponta até para a sua ambivalência. A qualidade do «enraizamento cultural» e o impacto do «localismo» mudaram indubitavelmente — devido à migração de jogadores famosos para clubes estrangeiros de renome, bem como à oportunidade de consumo de determinados jogos de futebol, agora transmitidos a uma escala global: uma oportunidade para acompanhar a carreira internacional de «heróis locais», bem como para seguir a (antiga) equipa «local» ou «nacional» quando se vive noutra país como imigrante. A *performance* e o sucesso das celebridades futebolísticas internacionais são atentamente seguidos por adeptos no seu país de origem: a presença do Chelsea FC nos meios de comunicação portugueses é notória desde que José Mourinho se tornou treinador da equipa e as camisolas do AC Milan, do FC Barcelona e do Real Madrid são artigos de prestígio entre os jovens adeptos de futebol brasileiros (Alvito), apenas para referir dois exemplos. Além disso, a identificação futebolística parece desempenhar um papel importante no processo de manutenção e de reconstrução dos elos culturais e de um sentido de pertença local e/ou nacional no contexto das diásporas<sup>20</sup>. E o sucesso de uma equipa nacional (ou local) do país de origem do emigrante funciona frequentemente de modo a compensá-lo ou a emancipá-lo (da imagem) do estatuto social subalterno na sociedade que o acolheu<sup>21</sup>.

Os estudos de caso de Moniz e de Brown incluídos neste volume sublinham que o desenvolvimento tal como descrito por Williams e Giulianotti em 1994 não é unidimensional. O exemplo de Moniz de comunidades emigrantes

---

<sup>20</sup> Um estudo conceptualizado por Stephen Wagg e Nina Clara Tiesler está correntemente em curso como parte de um mais vasto projecto de investigação sobre diásporas organizado pela Roehampton University (Londres). Este projecto visa comparar o papel do futebol na reconstrução da cultura portuguesa e no sentido de pertença nacional com o de outros elementos (como a língua, a gastronomia, a atenção mediática aos portugueses, o comportamento eleitoral, o folclore, etc.) entre as comunidades emigrantes em seis contextos da diáspora (Londres, Hanover, Paris, Rio de Janeiro, Maputo e Massachusetts). Entre os autores deste volume, Alvito, Domingos e Moniz confirmaram já a sua colaboração no projecto.

<sup>21</sup> O jogo da Liga dos Campeões entre o Lille e o Benfica (22 de Novembro de 2005) não ocorreu no estádio local do Lille, mas no estádio nacional, o Stade de France, em Paris. O estádio da final do Campeonato do Mundo de 1998 estava lotado. Os cânticos de encorajamento ao Lille quase não se ouviam, ao contrário dos que celebravam o «SLB», o «Benfica», e, aspecto invulgar numa competição clubista internacional, «Portugal». Entre os 70 000 espectadores, a maioria eram emigrantes portugueses: cerca de 40 000 — um número que iguala ou excede ligeiramente a média recente de espectadores presentes nos jogos da Liga dos Campeões quando o Benfica jogou em casa por volta da mesma altura. O jogo acabou com um muito desanimador zero a zero, mas com ovações de pé enquanto os jogadores do Benfica exprimiam a sua gratidão aos apoiantes. No dia seguinte, o diário desportivo português *A Bola* afirmou que o entusiasmo frenético dos adeptos tinha transformado o estádio nacional francês «em Portugal» durante noventa minutos.

lusófonas (sobretudo, mas não exclusivamente, de origem portuguesa/açoriana) nos EUA enfatiza a importância do «enraizamento cultural» a um nível transnacional, a referência ao local e a localismos restabelecidos ou inventados e o modo como estes fenómenos são fortalecidos e utilizados na busca desesperada de sucesso comercial no mundo futebolístico da Nova Inglaterra. Brown, que centra a sua análise no Manchester United — considerado por muitos não apoiantes o exemplo supremo de um clube de apoio internacional e sem base de adeptos local ou de «enraizamento cultural» —, analisa a reconstrução das comunidades de adeptos locais durante os altamente organizados protestos contra a aquisição do clube pela família norte-americana Glazer.

A globalização do futebol conduz a mudanças significativas no que concerne às relações individuais e colectivas com os espaços locais, à experiência do localismo e às percepções do espaço. Como já referimos, a globalização afecta também a experiência do tempo — por exemplo, ao provocar a erosão do ritmo semanal e da sua culminação no momento da visita ao estádio, que geralmente ocorria na tarde de sábado ou de domingo. Aquilo que permanece inalterado, como um ritmo estável dentro de uma moldura de tempo mais alargada — aparentemente intocável no sincretismo da tradição e da modernidade —, é um conceito e estrutura do ano muito particulares, partilhados pelos adeptos fervorosos do futebol, nomeadamente a *temporada*. Hornby descreve assim este fenómeno comum:

Os adeptos de futebol falam assim: os nossos anos, as nossas unidades de tempo, correm de Agosto a Maio (Junho e Julho, na realidade, não acontecem, especialmente em anos em que terminam em número ímpar, em que não há campeonato do mundo nem campeonato da Europa). Perguntem-nos qual foi o melhor ou o pior período das nossas vidas e em muitos casos responderemos com quatro números: 66/67 para os adeptos do Manchester United, 67/68 para os do Manchester City, 69/70 para os do Everton, 79/80 para os do Arsenal, e por aí fora... [Hornby, 1992, p. 116].

## O FUTEBOL GLOBALIZADO: OBJECTIVOS E PERSPECTIVAS

A globalização não foi o tema ou *dictum* dominante durante a conceptualização deste número temático da *Análise Social*. O projecto foi inicialmente inspirado e determinado por questões agrupadas sob o título «Futebol: a nação, a cidade e o sonho». Mas, ao pretender abordar e compreender o futebol como um importante fenómeno social, cultural e económico num caso particular e num contexto nacional social e histórico específico, rapi-

damente se tornou claro que o carácter globalizado do futebol de hoje exigia que atravessássemos as fronteiras do país em questão. O mesmo se poderia dizer a propósito de cada um dos países presentes neste volume — e a propósito de qualquer país ausente (que, em muitos casos, nos sentimos tentados a incluir). Durante o processo de produção, ao estudar os primeiros artigos, compreendemos que o campo fora simplesmente conquistado pelo tema principal do futebol e da globalização: na sua maioria, apesar de partirem de temas diferentes e de apresentarem títulos diversos, os artigos aqui apresentados centram-se de facto no impacto dos processos de globalização sobre o futebol mundial. Fazem-no partindo de diversos casos nacionais de formação social do futebol enquanto prisma para olhar fenómenos culturais e desenvolvimentos económicos na era da simultaneidade global, do aumento da mobilidade social e da migração laboral no mundo do futebol e das mudanças nos fenómenos ligados ao futebol causadas pela proliferação de eventos (desportivos) internacionalmente mediados e pelo consumo de televisão. Trata-se de uma vastíssima área, e a enorme diversidade de casos começou por minar qualquer hipótese de articulação das diferentes pistas. Numa altura em que estávamos decididos a manter uma perspectiva comparativa a nível internacional, entrou em campo a ideia da perspectiva lusocêntrica.

Aquilo a que chamamos uma perspectiva lusocêntrica proporciona-nos aqui uma visão multifacetada. Por exemplo, lançando luz sobre o impacto da carreira dos jogadores e de outros profissionais portugueses no estrangeiro, e é precisamente desta forma que o volume se inicia, com a secção temática «Futebol lusófono em espaços anglófonos». Ao longo dos últimos vinte anos, o desporto, a celebridade e a cultura global e a sua intersecção têm dado origem a um volume considerável de literatura académica. O mais célebre exemplo actual de um talento futebolístico português a trabalhar no estrangeiro, o caso de José Mourinho e da sua em parte autocultivada aura de profissional elegante, informal e expedito, é apresentado por Stephen Wagg. O autor explora as políticas de celebridade no futebol global contemporâneo e as políticas culturais da globalização capitalista, com particular referência aos casos de Mourinho e de Eriksson (o treinador sueco da selecção nacional inglesa): «No que diz respeito ao futebol, o mito do treinador colonizou o nosso senso comum [...] Mas, quando soa o apito final, a verdade é que, para parafrasear Marx, os treinadores de futebol poderão traçar a sua própria história, mas não escolhem as circunstâncias em que o fazem.»

Menos conhecido, mas de modo algum menos revelador, é o papel do futebol «lusófono» e a presença virtual e por vezes física dos clubes portugueses e também das selecções nacionais ou de jogadores de Cabo Verde ou do Brasil entre os emigrantes de diferentes países de expressão portugue-

sa nos Estados Unidos. Miguel Moniz proporciona uma visão de conjunto sobre os processos adaptativos de identidade transnacional ligados ao futebol entre as comunidades de migrantes lusófonos na Nova Inglaterra. O autor dedica especial atenção ao modo como a equipa de futebol New England Revolution (na 1.<sup>a</sup> Divisão norte-americana) «vende» o clube aos migrantes lusófonos e, em consequência, participa no campo social transnacional, importante para a integração social e económica dos migrantes nos contextos locais.

Na era da migração internacional e da globalização dos mercados, o futebol enquanto objecto de estudo exige o alargamento da perspectiva lusocêntrica, de modo a abranger o «mundo do lusotropicalismo», tal como o fazem outros fenómenos que espelham as realidades pós-coloniais. A elevada percentagem de profissionais de futebol de origem brasileira e africana nos clubes portugueses abre uma investigação válida a questões relacionadas com os elos de ligação lusófonos e os padrões pós-coloniais, que são analisados na segunda secção deste volume, «História do futebol e migrações nos/dos espaços lusófonos».

Mas, primeiramente, a perspectiva lusocêntrica entra no campo do futebol no passado colonial, numa época em que o jogo era um elemento de poder hegemónico cultural e administrativo, bem como parte do poder de atracção cultural dos colonizadores em Moçambique, como explica Nuno Domingos, que lança luz sobre a africanização do jogo. A relação entre desporto e colonialismo é atravessada por um amplo conjunto de debates — um destes (amplamente desenvolvido nos estudos sobre o caso inglês) analisa as ligações entre o desporto e os processos de dominação, resistência e apropriação. Esta tensão entre os princípios que organizaram a introdução do futebol e a sua apropriação local é analisada por Domingos através da análise de um glossário de termos locais (escritos em *ronga*, uma língua do Sul de Moçambique) que descrevem determinados momentos do jogo.

Uma perspectiva sobre a actual situação do futebol em Moçambique, Angola e Cabo Verde é apresentada por Paul Darby, que nos oferece uma visão detalhada sobre os padrões de migração do futebol entre a África e Portugal. Baseando-se em modelos económicos da globalização para sustentar os dados empíricos apresentados, a análise de Darby avalia a medida pela qual o futebol português tem explorado os recursos futebolísticos das suas ex-colónias africanas e examina o impacto que esta tendência tem exercido sobre o futebol africano tanto a nível local como nacional.

Chegando ao Brasil, a perspectiva lusocêntrica, uma vez mais, começa pelo passado: em «Apolíneos e dionisíacos», Tiago Maranhão analisa o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do «povo brasileiro». No prefácio de *Sobrados e Mucambos* (publicado em 1949), Freyre afirmou «a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro entre os atletas,



os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços». Maranhão aborda uma discussão sobre as teorias raciais debatidas no Brasil do início do século xx fazendo um contraponto a partir da interpretação de Gilberto Freyre acerca da maneira brasileira de jogar futebol (dionisíaca) em comparação com o estilo europeu (apolíneo), tomando como base os textos do próprio Freyre sobre o dito desporto.

Actualmente, o novo mercado global de jogadores tornou o Brasil um armazém de bons jogadores para exportação. Marcos Alvito descreve vividamente o modo como o futebol brasileiro tem sido profundamente prejudicado pelo processo de globalização. Embora no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente proíba qualquer vínculo empregatício aos menores de 14 anos, os clubes estrangeiros têm como alternativa «contratar» toda a família, que se muda juntamente com o craque. Hoje o futebol brasileiro é visto como uma enorme vitrina de «aspirantes a jogar na Europa», o que acaba por acontecer mais cedo ou mais tarde e de preferência bem cedo. Com a palavra, Leonardo Santiago, hoje com 21 anos, que foi para o Feyenoord, da Holanda, aos 11 anos de idade: «Futebol é *business*, e a gente é o produto.»

As trajectórias de migração de jogadores de futebol a partir de países lusófonos conduziram recentemente à Rússia. Jim Riordan abre a terceira secção deste *Futebol Globalizado*, onde se analisa «O futebol, a nação, a cidade e o sonho: diferentes experiências históricas e sociais», entrando no jogo «pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder». Riordan explica-nos que os desenvolvimentos no futebol pós-soviético têm de ser compreendidos no contexto das cataclísmicas mudanças sócio-políticas que ocorreram desde a queda do comunismo e da URSS em 1991. O futebol adquiriu um novo e único significado para as pessoas comuns em termos de nacionalidade e até de sonho «apolítico». O futebol russo de hoje está nas mãos de «oligarcas» multibilionários que utilizam o desporto sobretudo como uma forma de dissimularem as suas actividades menos desportivas e como um meio de branqueamento das suas vastas fortunas. Em consequência, os russos começam a entrar no futebol globalizado.

Em «Levar o jogo pós-fordista ao Extremo Oriente», Wolfgang Manzenreiter e John Horne oferecem uma perspectiva sobre a futebolização da China, do Japão e da Coreia do Sul, explorando as dimensões globais, as aspirações nacionais e as pré-condições locais da ascensão do futebol na região de maior crescimento económico do mundo. Aqui a nascente popularidade do futebol é indicativa tanto do sucesso da integração da «periferia do futebol» nos mercados globais como das transformações das relações de consumo em regiões onde anteriormente o futebol era praticamente inexistente. As condições locais são profundamente marcadas pelas formas tradicionais de desporto e entretenimento, no sentido em que estas se ligam à identidade local e à competição entre cidades. Se bem que as ambições

nacionais pareçam estar na linha da frente por todo o Leste asiático, o futebol enquanto projecto nacional destaca-se na China e na Coreia em vias de modernização.

Do Extremo Oriente para a Europa de novo, a perspectiva lusocêntrica volta a centrar-se no papel do jogo na sociedade portuguesa dos nossos dias. João Nuno Coelho e Nina Clara Tiesler introduzem o paradoxo do jogo português, que se torna claro quando comparamos os dois factos empíricos mais evidentes deste caso de formação social do futebol, nomeadamente a omnipresença do futebol na sociedade e a ausência de espectadores nos estádios. A assistência nos estádios portugueses é surpreendentemente reduzida durante a temporada, embora o futebol seja um aspecto predominante na vida pública, causando reacções emocionais visíveis e uma forte dedicação/envolvimento entre uma população maioritariamente «apaixonada pelo futebol», por assim dizer. Ao analisar os valores das assistências ao longo de três décadas, Coelho e Tiesler explicam as razões para este paradoxo, que são forjadas pelas consequências da globalização do futebol e determinadas por um contexto (futebolístico) social, cultural e económico muito específico.

A secção final explora o tema «Discursos do futebol e conflito social: velhos mitos, novos movimentos», apresentando um estudo de caso de Adam Brown, que analisa a impressionante dimensão da oposição de muitos adeptos do Manchester United à aquisição empresarial do clube pela família Glazer, sediada nos EUA, e um ensaio de Detlev Claussen, que desmonta o mito segundo o qual o futebol constitui um espelho da sociedade, mas que introduz também o conceito do momento utópico no futebol. De diferente natureza, estes dois ensaios surgem como o perfeito *double play*. Brown descreve a incapacidade de organizações de adeptos altamente politizadas e radicalizadas para impedirem a aquisição do clube pelos Glazer e a destruição da comunidade que tal aquisição implicou. O fim da história é um novo começo: a formação de um novo clube, propriedade dos adeptos — o FC United of Manchester, fundado por adeptos descontentes e desiludidos do Manchester United que lutaram por uma causa utópica e venceram: milhares de apoiantes e uma nova comunidade que celebra as tradições futebolísticas em crise no resto do mundo numa *fever pitch* da 9.<sup>a</sup> Divisão. Durante a tarde, muito para além dos 90 minutos, sempre que o sábado chega.

## CONCLUIR COM QUESTÕES EM ABERTO: O FUTEBOL — A NAÇÃO, A CIDADE E O SONHO

Conceptualizado no seguimento do EURO 2004 e lançado nas vésperas do Campeonato do Mundo da FIFA, este projecto moveu-se entre dois megaeventos de futebol. Uma das suas conclusões é que a importância social

e o impacto cultural do futebol, apesar das diferenças entre os casos aqui apresentados, vão muito além destes momentos extraordinários em que duas ou trinta e duas selecções nacionais competem entre si — residem na vida de todos os dias. O mais importante é sempre a *temporada*.

Se bem que a atenção aos jogos de futebol e a celebração dos mesmos a nível nacional levantem importantes questões de investigação associadas à relação entre a identificação futebolística, a integração nacional e a produção de discursos nacionalistas (Back *et al.*, 2001; Boyle *et al.*, 1994; Coelho, 2001; Crolley *et al.*, 1998; Sugden e Tomlinson, 1994), o futebol não é um filho da nação. Considerar o futebol um fenómeno predominantemente nacional parece ser — pelo menos na Europa — um erro histórico, bem como sociológico, já que o jogo provém sobretudo das cidades, das regiões e dos bairros locais (Tiesler, 2005, pp. 14-15, e 2004)<sup>22</sup>.

Ademais, e em consonância com o fenómeno da importância e identificação do futebol para além da nação, é nas competições internacionais entre clubes que a dura realidade do mercado do futebol mundial pode ser realmente observada, e não nos campeonatos mundiais ou europeus, que assumem mais um carácter de festival internacional. Esteticamente, esta diferença entre esta competição árdua, por um lado, e celebração internacional, por outro, é simbolizada no aspecto dos adeptos mais «adornados»: símbolos/ escritos negros de tipo rúnico nas bandeiras dos extremistas «ultras» e os rostos de mulheres, homens e crianças adoravelmente pintados de verde e vermelho (no caso português), dançando ao ritmo do samba. O aspecto internacional — e não nacional — dos megaeventos futebolísticos, uma vez mais, foi exemplarmente demonstrado pelos adeptos de futebol que visitaram Portugal durante o EURO 2004, provenientes de países de todo o mundo,

---

<sup>22</sup> Se bem que os exemplos tirados do caso da formação social do futebol português tornem particularmente clara a importância do futebol clubista e da *sua temporada*, o mesmo exemplo pode ser encontrado em qualquer outro país europeu: o primeiro grande jogo entre clubes portugueses após o EURO 2004, Benfica vs. Porto (17 de Outubro de 2004, Estádio da Luz, 0-1), gerou mais interesse público e mais comentários na imprensa do que qualquer um dos dois jogos de qualificação para o Campeonato do Mundo que a selecção nacional disputou nessa altura. Além disso, parece óbvio que nenhum verdadeiro adepto do Benfica tenha sido capaz de celebrar a vitória do Porto na Liga dos Campeões em Maio de 2004. Aquilo que um observador dos discursos quotidianos sobre futebol poderia verificar nessa ocasião, em que pela primeira vez em dezassete anos uma equipa portuguesa vence o mais prestigiado título internacional da competição entre clubes, não apontava para uma identificação nacional. Na televisão podiam ouvir-se comentários indiferentes (de adeptos de futebol não portistas) do género: «No fim de contas, eles também são portugueses, não são...? Bem, mais ou menos...» — o que não soava como orgulho nacional, mas antes como um duplo desapontamento. Não é coincidência o facto de que a maioria dos estudos sobre a identificação no futebol se centre na importância de (um sentido de) pertença local, e não nacional (Boyle, 1994; Williams, 1994; Gehrmann, 1994; Bromberger, 1995; Robson, 2000).

incluindo o México, a Escócia, o Japão, a Austrália e outros países que não participavam na competição. Aqueles que vieram assistir ao maior número possível de jogos das selecções nacionais dos seus países de origem continuaram a apoiar outras selecções depois de as suas terem sido eliminadas do campeonato. No meio de toda esta alegria, aqueles que abandonaram o estádio como vencedores não cantaram o seu hino nacional durante a festa que se seguiu na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Em vez disso, fizeram algo que se tornou uma tradição no futebol: cantaram o refrão «We are the champions».

Comprovando esta categorização, podemos encontrar uma máxima internacional entre os adeptos fervorosos de futebol (que não se consideram «ultras»): «Primeiro o jogo, depois o clube, depois a nação.» Os dados empíricos sobre este tópico são escassos, mas parece-nos um promissor tema de análise futura. Por exemplo, se bem que presentes em diversos contextos nacionais, estas narrativas encontram o seu contraponto nas sociedades do Extremo Oriente onde a (recente) história e significado social do futebol — como explicam Manzenreiter e Horne — são de natureza diferente das que observamos, por exemplo, na Europa e na América do Sul<sup>23</sup>. Como um entrevistado numa universidade japonesa<sup>24</sup> descreveu, após o Campeonato do Mundo de 2002, o modo como o evento ficou registado na memória colectiva local:

Os japoneses gostam de festivais, os coreanos gostam da Coreia. Algumas pessoas gostam de futebol [Manzenreiter, 2003, pp. 233].

E, contudo, são estas narrativas de adeptos no *centro do futebol* que são resumidas na anterior máxima citada no título desta secção (que foi o título provisório deste volume na fase inicial do projecto) pela ordem inversa: «O futebol globalizado — o sonho, a cidade e a nação».

O «sonho» é aqui sugerido como uma metáfora para «o jogo», em referência às prioridades daqueles adeptos que, apesar da sua clara oposição e protesto contra as práticas duvidosas (e por vezes manifestamente ilegais) na gestão e negócio dos clubes e do futebol, contra a volátil mistura entre futebol e política, contra todos os tipos de instrumentalização do jogo, e apesar do elevado preço dos bilhetes e dos contínuos escândalos, continuam a ir aos estádios a horas tardias, em tempo de chuva, de frio ou de incrível calor, e não apenas porque querem ver golos (que são, de facto, muito raros no futebol de alta qualidade) ou para assistirem à vitória da sua equipa (a qual

---

<sup>23</sup> Para uma história mundial do futebol, v. Wagg (1995).

<sup>24</sup> Uma entrevista conduzida por Wolfram Manzenreiter (2003, p. 223), que descreve o entrevistado como um doutorando em Política Internacional, treinador de uma equipa juvenil e adepto do Bayern de Munique.

muitas vezes é altamente improvável, tendo em conta a falta de alguns jogadores devido a lesões ou a um adversário extremamente poderoso). Fazem-no na esperança de assistirem a um belo jogo ou, pelo menos, a uma «jogada bonita». Usamos de facto a metáfora do sonho porque o futebol — ou melhor, o jogo — parece proporcionar aquilo que podemos designar como um momento utópico. O conceito de momento utópico no futebol é desenvolvido por Detlev Claussen no seu artigo que integra o presente volume e torna-se evidente, por exemplo, na lógica prevalecente do jogo, nomeadamente na sempre presente hipótese de que o *outsider*, provavelmente desfavorecido em termos de oportunidades de contratação de jogadores caros, possa vencer um jogo contra uma «equipa de sonho» ou até mesmo todo um torneio. Isto é interessante porque a capacidade económica de um clube estabelece condições importantes (condições de treino e de vida dos jogadores, a qualidade dos seus cuidados de saúde, etc.) que determinam fortemente a qualidade de uma equipa.

Em termos gerais, o estado actual do futebol globalizado parece ser ambivalente. Por um lado, parece-nos evidente que a modernização do futebol é especialmente determinada por novas práticas capitalistas, pelo poder dos direitos de transmissão de jogos e pela proliferação da sua mediação. Por outro lado, o futebol (os seus agentes culturais) luta para continuar a ser mais do que o negócio que rodeia o jogo e as suas celebridades, já que proporciona emoções ao vivo, paixões, protestos, emancipação e sentimentos de pertença numa época em que as ligações tradicionais, as próprias tradições e alguns importantes valores democráticos sofrem uma erosão. Será possível que, nas sociedades contemporâneas, o futebol constitua um dos derradeiros espaços a proporcionar a experiência de um momento utópico num mundo de alienação? Em oposição a esta teoria, o seguinte: ao comentarem actos de violência e racismo nos estádios de futebol, os representantes de instituições que regem o futebol (por exemplo, os porta-vozes da Federação Alemã de Futebol, a DFB) declaram frequentemente que «o futebol não pode ser melhor do que a sociedade na qual se insere». O sucesso de políticas anti-racismo e antiviolença no interior e em torno de outros estádios europeus (com a Inglaterra, uma vez mais, na posição dianteira), bem como de organizações de adeptos antifascistas (por exemplo, o BAFF, na Alemanha), defende que este tipo de declarações não reflecte necessariamente a realidade, servindo apenas para justificar a falta de vontade das instituições responsáveis de desenvolverem e introduzirem as estratégias adequadas (Tiesler, 2004).

Vividamente expressa em todas as quatro secções do presente volume, a ambivalência do futebol globalizado motiva o grupo de autores a continuarem a sua discussão subordinada à desafiadora questão: até que ponto o futebol pode ser melhor do que a sociedade na qual se insere?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHETTI, E. (1994), «Masculinity and football: the formation of national identity in Argentina», in R. Giulianotti e J. Williams (orgs.), *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, pp. 224-244.
- BACK, L., CRABBE, T., e SOLOMOS, J. (2001), *The Changing Face of Football*, Oxford, Berg.
- BALE, J. (1991), «Playing at home: British football and a sense of place», in J. Williams e S. Wagg (orgs.), *British Football and Social Change*, Leicester, Leicester University Press.
- BOYLE, R. (1994), «‘We are Celtic supporters...’: questions of football and identity in modern Scotland», in R. Giulianotti e J. Williams (orgs.), *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, pp. 73-102.
- BOYLE, R., O’DONNELL, H., e BLAIN, N. (orgs.) (1994), *Sport and National Identity in the European Media*, Leicester, Leicester University Press.
- BRASÃO, I. (2004), «Improváveis simetrias: um retrato do futebol feminino», in J. Neves e N. Domingos, *A Época do Futebol*, pp. 375-397.
- BROMBERGER, C. (1995), *Le match du football — ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, EMSL.
- BROMBERGER, C. (1993), «Allez O. M., Forza Juve: the passion for football in Marseille and Turin», in S. Redhead (org.), *The Passion and the Fashion*, pp. 89-102.
- BURTON, NELSON (1995), *The Stronger Women Get, the More Men Love Football. Sexism and the American Culture of Sports*, Nova Iorque.
- CLARKE, J. (1978), «Football and working class fans: tradition and change», in A. Ingham (org.), *Football Hooliganism: the Wider Context*, Londres, Inter-Action Print.
- COCKBURN, C. (1988), «Masculinity, left and feminism», in R. Chapman e J. Rutherford (orgs.), *Male Order: Unwrapping Masculinity*, Laurence and Wishart.
- COELHO, J. (2001), *Portugal, a Equipa de Todos Nós, Nacionalismo, Futebol e Media*, Porto, Afrontamento.
- CROLLEY, L., HAND, D. e JUTTER, R. (1998), «National obsessions and identities in football match reports», in A. Brown (org.), *Fanatics. Power, Identity and Fandom in Football*, Londres, Routledge.
- DUNNING, E. (1979), «Soccer: the social origins of sport and its developments as a spectacle and profession», in *Sports Council*, n.º 9.
- DUNNING, E., e ELÍAS, N. (1992), *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel.
- ECO, U. (1986), *Travels in Hyperreality*, Picador.
- GEHRMANN, S., «Football and identity in the Ruhr: the case of Schalke 04», in R. Giulianotti e J. Williams (orgs.), *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, pp. 185-206.
- GIULIANOTTI, R., e WILLIAMS, J. (orgs.) (1994), *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, Aldershot, Arena.
- GREENHALGH, P. (1988), *Ephemeral Vistas: The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World’s Fairs, 1851-1939*, Manchester, Manchester University Press.
- GUMBRECT, H. U. (2001), «Die Form der Gewalt. Lob der Schönheit des Sports», in Dietrich zur Nedden (org.), *Spiel ohne Ball, Hannover: Internationale Härte*, Verlag, pp. 11-21.
- HARVEY, D. (1990), *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*, Cambridge, MA, Blackwell.
- HAYNES, R. (1993), «Every man (?) a football artist: football writing and masculinity», in S. Redhead, *The Passion and the Fashion. Football Fandom in the New Europe*, Aldershot, Avebury, pp. 55-76.
- HORNBY, N. (1992), *Fever Pitch*, Londres, Gollancz.
- KREISKY, E., e SPITALER, G. (orgs.) (2006), *Arena der Männlichkeit. Über das Verhältnis von Fußball und Geschlecht*, Frankfurt, Campus (no prelo).

- MANZENREITER, W. (2003), «Wenn der Zirkus die Stadt verlassen hat: Ein Nachspiel zur politischen Ökonomie der Fußball-WM in Japan», in M. Pohl e I. Wieczorek (orgs.), *Japan 2003. Politik und Wirtschaft*, Hamburgo, Institut für Asienkunde, pp. 223-243.
- MANZENREITER, W. (2004), «Her place in the 'house of football': globalisation, sexism and women's football in East Asian societies», in W. Manzenreiter e J. Horne, *Football Goes East. Business, Culture and the People's Game in East Asia*, Londres, Nova Iorque, pp. 197-221.
- MANZENREITER, W. (2006), «Fußball und die Krise der Männlichkeit in Japan», in E. Kreisky e G. Spitaler (orgs.), *Arena der Männlichkeit. Über das Verhältnis von Fußball und Geschlecht*, Frankfurt, Campus (no prelo).
- MARIVOET, S. (2002), «Hábitos desportivos da população portuguesa (1988-1998)», in Marivoet, Salomé et al. (coords.), *Um Olhar Sociológico sobre o Desporto no Limiar do Século XXI, Actas das III Jornadas de Sociologia do Desporto*, Lisboa, CEFD, pp. 199-203.
- MARIVOET, S. (1998), *Aspectos Sociológicos do Desporto*, Lisboa, Livros Horizonte.
- METCALF, A., «Gay machismo», in A. Metcalf e M. Humphries, *The Sexuality of Men*, Pluto.
- NEVES, J., e DOMINGOS, N. (orgs.) (2004), *A Época do Futebol. O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PINA CABRAL, J. de (2002), «'Agora podes saber o que é ser pobre.' Identificações e diferenciações no mundo da lusotopia», in *Lusotopie*, pp. 215-224.
- REDHEAD, S. (org.) (1993), *The Passion and the Fashion*, Aldershot, Avebury.
- ROBSON, G. (2000), «No one like us, we don't care», *The Myth and Reality of Milwall Fandom*, Oxford, Berg.
- ROCHE, M. (2003), «On time structures in global society», in *Time & Society*, 12, 1, pp. 99-126.
- SUGDEN, J., e TOMLINSON, A. (orgs.) (1994), *Hosts and Champions: Soccer Cultures, National Identities and the USA World Cup*, Aldershot, Arena.
- TANAKA, T. (2004), «The positioning and practices of the 'feminized fan' in Japanese soccer culture through the experience of the FIFA World Cup Korea/Japan 2002», in *Inter-Asia Cultural Studies*, vol. 5, 1, pp. 52-62.
- TAYLOR, I. (1982), «Class, violence and sport: the case of soccer hooliganism», in H. Cantelon, e R. Gruneau (orgs.), *Sport, Culture and the Modern State*, Toronto, University of Toronto Press.
- TIESLER, N. C. (2004) «Futebol e 'identidades'? A bola é redonda para poder pensar em todas as direcções», in *Pontapé de Saída*, Porto, Culturporto, pp. 148-153.
- TIESLER, N. C. (2005), «The fiesta, a dictatorship, a very dry fish, the symbol and its lovers: a flag is not a flag is not a flag», in H. Marcelino, I. Moreira e V. Metello (orgs.), *Arte em Campo*, Lisboa, Instituto das Artes/Ministério da Cultura, pp. 13-19.
- WAGG, S. (1995), *Giving the Game Away*, Leicester, Leicester University Press.
- WILLIAMS, J. (1994), «'Rangers is black club?', 'race', identity and local football in England», in R. Giulianotti e J. Williams (orgs.), *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, pp. 153-184.
- WILLIAMS, J., e GIULIANOTTI, R. (orgs.) (1994), «Introduction: stillborn in the USA?», in *Games without Frontiers: Football, Identity and Modernity*, Aldershot, Arena, pp. 1-20.
- WOODHOUSE, J. (1991), *A National Survey of Female Football Fans*, Leicester, Sir Norman Chester Centre for Football Research.

NINA CLARA TIESLER  
JOÃO NUNO COELHO